VIA DOLOROSA: PRIMEIRAS PERSEGUIÇÕES

"Eu sou o caminho, a verdade e a vida", Jesus prometeu aos seus discípulos. Mas a crueldade de sua Paixão traria um aviso claro: os cristãos fiéis enfrentariam grandes sofrimentos e perdas

"Afasta de mim esse cálice."

— Marcos 14:26

O jovem rico foi instruído a dar todos os seus pertences aos pobres; os cidadãos indignados, a pensar em seus próprios pecados antes de atacar os adúlteros; a vítima da violência, a "oferecer a outra face"… Os primeiros seguidores de Cristo não tinham dúvidas de que, embora sua fé garantisse a vida eterna, o custo disso – talvez relativamente alto – seria cobrado na Terra e imediatamente. De fato, independentemente da felicidade que isso pudesse trazer, o caminho para a salvação iria inevitavelmente conduzi-los para os profundos vales da escuridão e da morte. A história da primeira Igreja não seria diferente. Por volta de 312 d.C., o cristianismo já se aproveitava da aceitação como religião oficial do mundo romano, sendo financiada pelo Estado. Antes disso, porém, os cristãos tiveram de resistir a terríveis perseguições.

Esquerda: Esta obra do século 15 de autoria de Aelbert Bouts sugere a violência brutal por trás da fé fundada nos sofrimentos de seu Salvador. Os discípulos de Cristo, nos primeiros séculos, sabiam que sua própria fé era imprevisível; que eles próprios poderiam morrer de forma terrível

Os Primeiros Mártires

Com o esplendor da Ressurreição desaparecendo e a Ascensão de Jesus rapidamente se tornando mais um abandono, não demoraria muito para que as trevas caíssem sobre os seguidores de Cristo. Um dos primeiros martírios de que se tem notícia, o apedrejamento de Santo Estêvão em Jerusalém, por volta de 35 d.C., teria sido testemunhado pelo apóstolo Paulo. Na época ainda conhecido como Saulo, um jovem homem de Tarso, na província da Cilícia (ao sul da Turquia), tinha tanto orgulho de sua cidadania romana quanto de sua origem judaica. A posição de Estêvão parecia uma afronta às duas coisas.

Tanto que, em vez de ser contra ao que se tornaria um linchamento religioso, Saulo se afastou e apenas observou os assassinos arremessarem as pedras. Mais tarde, claro, suas atitudes seriam transformadas pela extraordinária experiência que ele presenciou no Caminho de Damasco. Então nomeado Paulo, ele se tornou cofundador, com São Pedro, do que hoje conhecemos como o credo do cristianismo. E, embora Pedro tenha sido nomeado papa por Cristo, Paulo teve um papel muito mais importante na construção

Nero culpou pelo desastre uma classe odiada por suas crenças, chamada pelo populacho de cristãos. E infligiu a ela as mais terríveis torturas

da Igreja Católica: foi sob sua influência que ela transcendeu suas origens como uma seita judaica.

Tanto São Pedro quanto São Paulo morreriam em Roma, o centro do mundo civilizado no século 1º d.C. De acordo com a tradição cristã, ambos foram martirizados. Embora São Paulo tenha sido decapitado, São Pedro foi crucificado, assim como o próprio Cristo, mas de cabeça para baixo, supostamente a pedido dele próprio. Sua morte por crucificação pode ter sido uma arrogante alusão ao seu Salvador, mas para São Pedro era uma honra da qual ele não se achava digno. Por conta disso, pediu para ser executado no sentido contrário. Mais tarde, uma grande basílica – a Basílica de São Pedro – foi construída sobre seu túmulo.

Fogo e Espada

Hoje, esses eventos são vistos como o início de grandes tradições religiosas, históricas e culturais. Para o Império Romano, no entanto, eram algo muito menor e local. A maioria dos romanos mal sabia da existência do cristianismo. Se soubessem, a religião seria vista como uma ramificação de uma obscura seita do Oriente Médio – apenas mais um dos inúmeros pequenos cultos encontrados na cidade mais cosmopolita que o mundo já viu. O fato da religião cristã ter se tornado amplamente conhecida se deveu ao oportunismo de um imperador romano que precisava de um bode expiatório para suas dificuldades políticas: Nero.

Considerado uma ameaça pública, Nero era um paranoico na posição mais poderosa do mundo de então. Seu reinado, que durou de 54 d.C. até ser deposto por um senado desesperado 14 anos depois, foi caracterizado por assassinatos, atos de loucura e repressão em escala monstruosa. Um desastre ainda maior ocorreu quando um incêndio de proporções gigantescas devastou Roma, em 64 d.C. O impacto foi enorme, de acordo com o historiador Tácito, que alguns anos mais tarde escreveu: "Dos quatorze bairros de Roma, só quatro se conservaram inteiros; três ficaram completamente arrasados; e em sete só restaram escombros e vestígios de edifícios, quase totalmente consumidos pelo fogo".

Nero, ao que parece, era muito mais do que o imperador à época do incêndio: são fortes os indícios de que ele próprio tenha planejado o desastre deliberadamente, com a intenção de "limpar" o local para construir um novo e espetacular palácio para si próprio. Como escreveu Suetônio: "Desgostoso com a deformidade das velhas construções e com as vias estreitas e tortas, Nero incendiou a cidade tão abertamente que muitos antigos cônsules não se atreveram a impedir seus camareiros, embora deparassem com eles portando tochas".

Na busca de alguém para culpar, Tácito escreveu: "Nero culpou pelo desastre uma classe odiada por suas crenças, chamada pelo populacho de cristãos. E infligiu a ela as mais terríveis torturas. Cobertos por peles de animais, os seguidores de Cristo foram dilacerados por cães; pereceram ou pregados a cruzes, ou condenados ao fogo, para servir de iluminação noturna quando a luz do dia havia expirado."

Esse parece ter sido o contexto no qual, junto com tantos outros, São Pedro foi aprisionado e morto – apenas mais um lance no amplo jogo da política romana.

Altos e Baixos

A noção de que o cristianismo era uma religião provada pelo fogo seria essencial para o desenvolvimento da sua percepção, mas está claro que não era "nada pessoal" para os imperadores romanos. A repressão de Nero,

Direita: A terrível morte de Santo Estêvão, apedrejado por uma multidão enfurecida (o jovem Saulo, mais tarde apóstolo Paulo, assistiu a tudo), torna-se extraordinariamente bela na representação de Peter Paul Rubens (1617). A habilidade do artista de transmutar dor em algo mais abençoado era parte do encanto do cristianismo

por mais horrenda que tenha sido, foi puramente oportunista. Inúmeras vezes, nos séculos 2º e 3º, o cristianismo foi atacado – ou tolerado – com a mesma indiferença. Entre terríveis perseguições nos reinados dos imperadores Domiciano, Trajano, Sétimo Severo e Décio, vieram longos períodos tranquilos de aceitação. Normalmente, o clima "esquentava" quando a situação econômica era difícil.

Muitos padres e bispos foram martirizados no reinado de Valeriano (253-60), incluindo São Lourenço, que supostamente foi queimado em uma grelha de ferro ("Vira-me, que já estou bem assado deste lado…", ele teria dito aos seus algozes, segundo a tradição). Alguns anos mais tarde, São Sebastião foi forçado a enfrentar uma divisão de arqueiros. Tais mortes teriam um lugar na tradição do martirológio que seria essencial para a identidade inicial da Igreja – como é o caso de Santa Catarina de Alexandria, condenada a ter seu corpo destroçado pela roda de uma carroça.

Esquerda: São Paulo tinha orgulho de ser judeu e cidadão romano. Foi principalmente graças a ele que a Igreja Católica se estabeleceu em Roma. Foi sua cidadania que garantiu a "sorte" de ter sido decapitado, pois a morte por crucificação era reservada para não romanos

Acima: São Pedro, ao descobrir que seria crucificado, implorou para que fosse preso à cruz de cabeça para baixo, pois considerava um sacrilégio imitar seu Salvador. Ele foi morto em Roma, e a Basílica de São Pedro, construída sobre seu túmulo

A Grande Perseguição

O imperador Diocleciano era tolerante por natureza. Ao final do século 3º, no entanto, Roma estava sob pressão. Em virtude das dificuldades econômicas resultantes da má administração de um Império que já era vasto e complicado demais para ser governado com eficiência, Diocleciano se viu obrigado a nomear quatro subimperadores para controlar diferentes regiões em seu nome. Ao mesmo tempo, fazia sentido reforçar a "romanidade" do mundo romano reafirmando seus

O NÚMERO DE NERO

Levados ao subterrâneo pela perseguição imposta pelo imperador Nero, os cristãos tinham de se comunicar uns com os outros secretamente. Como a maioria era de origem judaica, usavam a tradicional numerologia conhecida como *gematria*. Esse antigo sistema místico associava propriedades específicas a números diferentes em relação às letras do alfabeto hebraico. A *gematria* era um tema vasto e erudito por si só: era possível passar uma vida toda explorando suas sutilezas. Em seu nível mais básico, oferecia um código pronto para os iniciados. Para o nome Nero, o número era 666 – notoriamente, o "Número da Besta" no Livro do Apocalipse. Para os primeiros cristãos, o imperador era de fato o Anticristo.

valores culturais – obviamente, nenhum era mais dominante do que a velha religião e seus rituais.

Em 303, portanto, o imperador emitiu seu "Édito Contra os Cristãos". Segundo o estudioso contemporâneo Eusébio de Cesareia, "Para derrubar as igrejas e destruir as sagradas escrituras com fogo". As "honoráveis estações" seriam "rebaixadas" (reduzidas à escravidão, em outras palavras) se não concordassem em renunciar sua fé. Assim começou a "Grande Perseguição". Fontes contemporâneas afirmam que 10 mil mártires foram crucificados lado a lado no primeiro dia. E, embora isso seja um exagero, não há dúvidas de que muitos milhares morreram em um reinado de terror religioso que continuou implacável pelos oito anos seguintes.

Abaixo: Diocleciano foi responsável pela morte de milhares na "Grande Perseguição", que se iniciou em 303. Os cristãos foram tolerados por décadas a fio, mas nunca se sentiram seguros. Em tempos de dificuldade econômica, serviam como bode expiatório para todos os problemas do Império

Uma Certa Religião de Luxúria

Essa sem dúvida foi uma época sombria para a Igreja. Mas não faltavam escoliastas contemporâneos prontos para sugerir que os cristãos foram os responsáveis pelo seu próprio sofrimento por conta de seus atos obscuros.

É um tributo ao radicalismo em Jesus que seus dogmas centrais parecessem tão difíceis para tantos compreenderem: "Eles amavam uns aos outros antes mesmo de conhecerem uns aos outros", criticou um escriba. É compreensível, talvez, que os pagãos da época fossem cínicos em relação à mensagem "Ama o próximo" e achassem difícil reconhecer a distinção entre afeto e sexo. "Há uma certa religião de luxúria misturada entre eles", disse um deles. "Eles chamam uns aos outros de forma promíscua de irmãos e irmãs". A palavra "promíscua", aqui, não é usada no sentido de liberalidade sexual, mas é fácil notar o quão suspeito todo esse "amor" e irmandade pareciam. Desnecessário dizer que a suspeita de incesto não era algo incomum.

Grupos minoritários temidos e suspeitos são invariavelmente acusados de parafilia: "Alguns dizem que cultuam as genitálias de seus pontífices e padres", disse um crítico. A mesma fonte revelou: "Eu ouvi que adoram uma cabeça de burro, a mais vulgar das

Acima: "A Última Prece dos Mártires Cristãos" foi perfeitamente imaginada pelo artista francês Jean-Léon Gérôme, em 1883. Não há muitas evidências de uma tradição de jogar cristãos aos leões na Roma antiga, mas, sem dúvida, muitos foram torturados e mortos de maneira cruel em tempos de perseguição

> É compreensível que os pagãos da época fossem cínicos em relação à mensagem "Ama o próximo" e achassem difícil reconhecer a distinção entre afeto e sexo

criaturas, consagrada por uma persuasão absurda que eu desconheço". Tais relatos eram – nem é preciso dizer – selvagens.

Pior do que essas acusações absurdas, no entanto, eram as suspeitas ainda mais obscuras que se acumulavam ao redor da Igreja, suspeitas essas que eram encorajadas pela discrição desesperada de um grupo sitiado. Frequentemente ao longo dos séculos, a perseguição produziu um círculo vicioso: uma minoria já suspeita que, tentando não chamar a atenção, cria um ar de "sigilo" e intensifica a desconfiança. Quanto mais os cristãos se esforçavam para não serem descobertos, mais febril se tornava a especulação sobre seus "ritos secretos e noturnos". "Eles conhecem uns aos outros por sinais e insígnias secretas", alegava-se.

Luz na Escuridão

Quando as perseguições romanas atingiram seu ápice, a Igreja foi, literalmente, para o subterrâneo – cultos eram conduzidos nas catacumbas escavadas sob as ruas de Roma.

RITUAIS MACABROS

Os primeiros cristãos, especialmente considerando que a maioria deles era constituída por judeus, eram frequentemente acusados de promover sacrifícios humanos. Perto do final do século 2º, o estudioso Minúcio Félix (ele próprio um cristão) registrou algumas das mais lúgubres. Sobre o sacrifício de uma criança, Félix escreveu: "Avidamente – que horror! – eles lambem seu sangue; ansiosamente dividem seus membros. Por esta vítima estão comprometidos, e a consciência da maldade cria um pacto de silêncio".

Havia ainda os supostos "rituais de iniciação" para o cristianismo, religião então considerada maligna. Um deles consistia em esconder uma criança em um saco de farinha e incentivar o candidato à conversão a esfaquear o saco repetidamente. Os padrinhos incentivavam o iniciando a desferir golpes mais fortes e mais rapidamente. Este lhes obedecia, acreditando serem as estocadas inofensivas. Só quando o sangue começava a manchar a farinha é que percebia que havia assassinado um jovem inocente. Apesar disso, acabava juntando-se ao banquete de celebração, criando um vínculo com seus companheiros.

Se essa história remete à ideia da eucaristia (o pão e o vinho se tornando o corpo e o sangue do Cristo crucificado), também faz alusão a um dos mitos cristãos mais obscuros dos tempos medievais. Isso atribuiu aos judeus o costume de raptar e sacrificar crianças cristãs para que seu sangue fosse adicionado à mistura do preparo de seu pão ázimo. Eles sofreram o estigma desse libelo de sangue por séculos, e muitos pagaram por esses crimes imaginários com suas próprias vidas.

Abaixo: O suposto ritual de sangrar uma criança cristã para a celebração do banquete da Páscoa judaica (Pessach), de acordo com a *Crônica de Nuremberg*, de Hartmann Schedel (1493). O antissemitismo era inseparável do catolicismo na era medieval

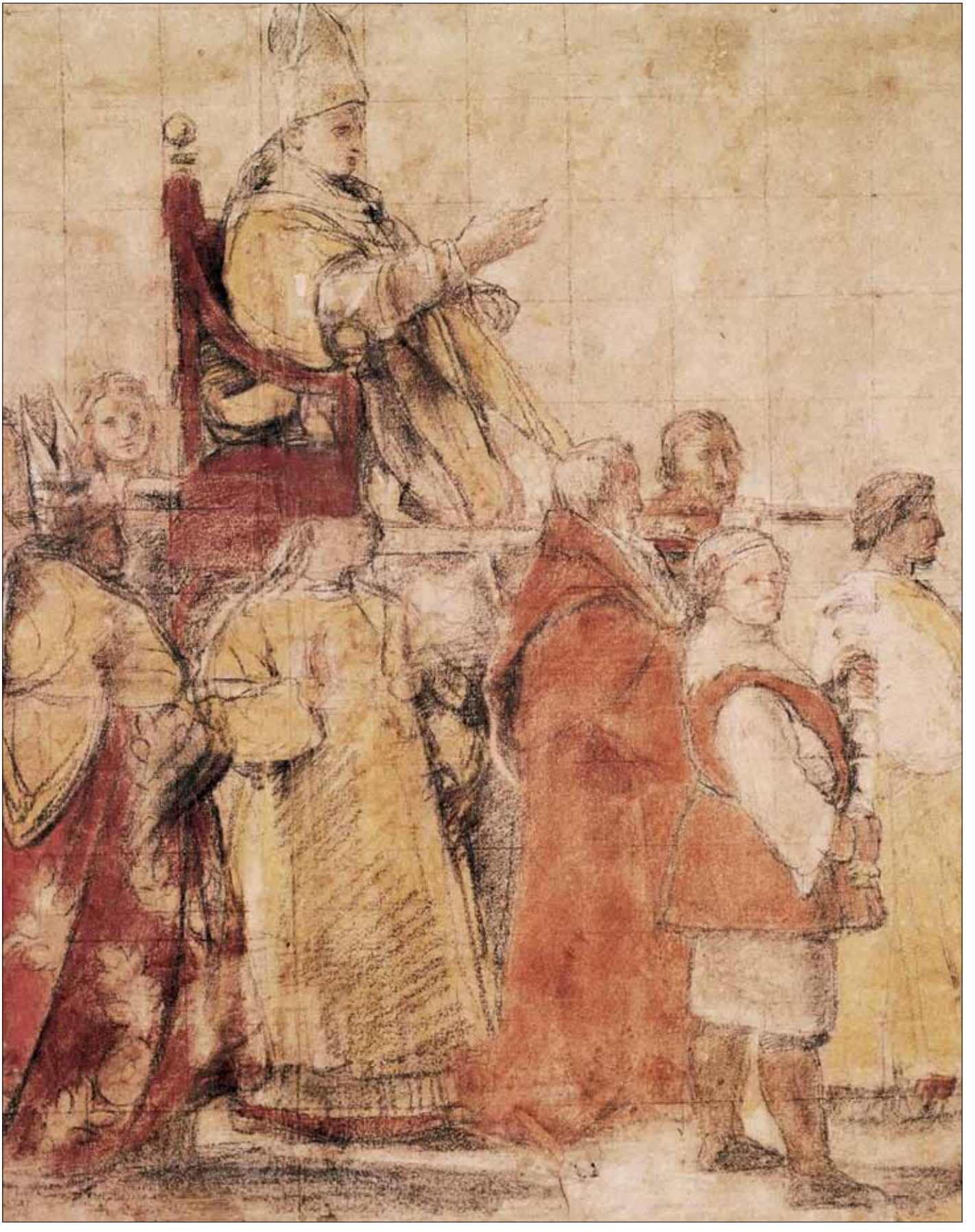
Acima: Reforços angelicais unem-se ao exército de Constantino na Batalha da Ponte Mílvia, em 28 de outubro de 312. Vitorioso, o imperador tornou o cristianismo a religião oficial de seu Império. Uma abordagem incomum da mensagem do evangelho, mas o patrocínio de Constantino transformou as fortunas do que se tornaria a Igreja de Roma

Por coincidência, essas catacumbas, em sua maioria, haviam sido construídas pelos próprios cristãos. Enquanto os romanos pagãos estavam satisfeitos em ter seus restos mortais cremados, e apenas as cinzas mantidas em uma urna, os cristãos ansiavam pela ressurreição do corpo. Portanto, desde que fosse viável, o corpo precisava ser mantido intato. Por isso a construção dessas galerias, abertas na macia e esponjosa tufa calcária sobre a qual Roma se erguia. Os cristãos vinham aqui para sepultar os mortos e cuidar de seus túmulos. Cada vez mais, no entanto, conforme seus problemas se intensificavam, passaram a vir para conduzir seus ritos em segredo. Em alguns casos, ícones eram pintados nas paredes e igrejas improvisadas tomavam forma no subterrâneo.

Considerações práticas podem ter levado os cristãos às catacumbas, já que o labirinto de túneis oferecia o único lugar realmente seguro em uma cidade hostil, mas aqueles que desciam entre os mortos para rezar pela vida eterna certamente também tinham total consciência do poderoso simbolismo do local. A ideia de que seus antepassados estavam todos reunidos, orando pelo Senhor sob a luz tremulante de lamparinas, tem inspirado os fiéis católicos através dos séculos.

Apóstatas Relutantes

Nem todos provaram ser tão fortes, obviamente. “O espírito está pronto, mas a carne é fraca”, Jesus Cristo



UMA DOAÇÃO DUVIDOSA

CONSTANTINO PROVOU SER um generoso e influente financiador do credo que adotou. Ainda assim, não parece ter sido ele a promulgar o decreto que concedeu ao papa Silvestre I e seus sucessores não apenas autoridade espiritual, mas autoridade temporal sobre a Cidade de Roma e seus distritos (sem mencionar outras terras espalhadas pela Europa e África do Norte). A chamada "Doação de Constantino" justificou a dominação territorial da Igreja sobre vastos territórios, e, embora muitos tenham sido perdidos ao longo dos séculos, os papas permaneceram no poder na Itália central até os tempos modernos. Até hoje o Vaticano continua sendo um território soberano, com sua posição validada pelo costume, não por um título legal. Na verdade, a "Doação de Constantino" mostrou-se uma falsificação já em 1440; acredita-se que ela tenha sido criada no século 8º.

observa no evangelho segundo Mateus. Ele próprio pediria (no Jardim de Getsêmani) para que afastassem dele o cálice. Mesmo antes da Paixão em si, seu braço direito, São Pedro, o negou três vezes. Portanto, é difícil culpar os fiéis que, diante da perseguição, da tortura e do terror diário, acabaram renunciando suas crenças cristãs e fingiram adotar o paganismo. Mesmo assim, aqueles que continuaram firmes sentiram receio sobre o comprometimento desses *lapsi* (latim para "recaídos") e atos de penitência foram necessários antes que eles fossem readmitidos na Igreja.

Um Lugar ao Sol

Diocleciano morreu no final de 311, e a essa altura já estava claro que sua Grande Perseguição havia falhado – por mais cruel que tenha sido. Muitos cristãos continuaram a professar sua fé em segredo, ao passo que aqueles que retomaram os ritos de seu passado pagão só fizeram isso por medo. Seu sucessor no leste, Galério, emitiu seu próprio Édito de Tolerância, acabando com a perseguição. O Império ganharia mais trazendo os cristãos de volta ao rebanho.

A Igreja então não era mais ilegal, ainda que o cristianismo não fosse tão popular. Mas as coisas iriam mudar com velocidade desconcertante. Constâncio morreu desafiando Galério, seu rival no oeste, pelo controle de todo o Império. Seu filho, Constantino, reforçou suas reivindicações. À medida que os imperadores e seus exércitos se preparavam para a batalha na Ponte Mílvia, ao norte de Roma, Constantino, que era, talvez, o mais místico dos imperadores romanos, teve uma visão e passou pela conversão cristã mais significativa desde São Paulo.

Bom e velho romano, fiel às suas tradições, adorava o Deus Sol Invicto. Na véspera da batalha, olhou para cima e viu a orbe ardente lentamente se pôr no lado ocidental do céu. Repentinamente, logo acima daquele disco flamejante, viu a poderosa imagem da cruz e, abaixo, uma inscrição: *In Hoc Signo Vinces* (Por este sinal conquistarás). Constantino adotou a nova religião imediatamente. Após vencer Galério, tornou o cristianismo a religião oficial de seu Império.

A conversão de Constantino não poderia ter sido mais oportuna. Seria a isso que Cristo se referiu quando disse: "Não vim trazer paz, mas espada" (Mateus 10:34)? Era isso que Maria queria dizer em seu Cântico: "Depôs dos tronos os poderosos" (Lucas 1:52)? Deus e César realmente deveriam ser aliados tão próximos? Após tantos anos de perseguição, os líderes da Igreja não estavam dispostos a olhar os dentes de um cavalo dado – o bem que poderia ser feito em um mundo cristão era praticamente ilimitado, afinal. Apesar disso, alguns inevitavelmente sentiram que esse seria o primeiro e fatal comprometimento da Igreja ao estabelecer uma duradoura aliança com uma autoridade mundana, com privilégio e poder.

De uma vez só, Constantino transformou o cristianismo de um culto marginal em uma grande religião: o cristianismo havia triunfado – mas teria também vendido sua alma?

Esquerda: Sem precisar mais se esconder pelos cantos e em catacumbas, a Igreja era uma grande instituição. Seu pontífice era como qualquer rei ou imperador terreno. A coroa de Constantino teria sido oferecida a Silvestre I (representado aqui por Rafael), mas ele considerava o poder imperial como algo supérfluo comparado ao poder que já detinha